



Docência nômade – narrativas e deslocamentos na formação de professores em Artes Visuais

Nomadic teaching – narratives and displacements in teacher training in Visual Arts

Aline Nunesⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Esta escrita propõe-se a pensar sobre a potência e as implicações de uma docência nômade frente aos processos formativos contemporâneos em Artes Visuais. Problematisa-se a ideia de docência nômade, a partir da qual, por meio da abordagem metodológica da Investigação Narrativa, são lançadas possibilidades de diálogo e experimentação em diferentes disciplinas ministradas em um curso de Licenciatura em Artes Visuais. Neste recorte, a docência em Artes Visuais é tomada como territorialidade produzida e experienciada a partir dos agenciamentos entre os referenciais dos estudantes e aqueles lançados pela docente, ao longo de um semestre letivo.

Palavras-chave: Docência nômade, investigação narrativa, formação de professores em Artes Visuais.

Abstract

The article presents reflections on the art-based educational research, focusing on the relevance of subjective data on art research raised through objects bearing autobiographical senses and meanings. It is part of a work in a group of studies, research and education conducted in the realm of a research project on teacher's education in Visual Arts, culminating in an exhibition entitled 'Memory of Things: visual tessiture of teaching trajectories'. This approach has allowed us to also address the processes of construction of the identity of the teacher, artist and researcher subject, using procedures and strategies from the art itself.

Keywords: A/r/tography, art research, teacher's education, subjectivity, object-art.

Enviado em: 08/11/19 - Aprovado em: 10/02/20

Narrativa como possibilidade de olhar e aprender desde si

O que implica conhecer os trânsitos, os percursos e as narrativas construídas por nossos estudantes em seus processos de formação docente?

Tal pergunta me leva primeiramente a uma ideia, capturada em Connelly e Clandinin (1995), segundo a qual somos seres narrativos, ou seja, seres que se constituem de histórias e que dão sentido à vida à medida que ressignificam, problematizam, retomam suas experiências, inclusive como forma de dar-lhes outros contornos, outros desfechos.

E assim, por sermos seres narrativos, nossos modos de viver e apreender o mundo têm a ver também com o ato de contá-lo, de “vê-lo” através de nossas palavras, com aquilo que conseguimos inferir sobre o visto, com o sentido e com aquilo que é capturado pela escuta. Narrar seria uma possibilidade de organizar aquilo que se dá em fluxos não necessariamente lineares e ganha importância por isso mesmo: por sua capacidade de ajudar-nos a dar conta daquilo que nos atravessa enquanto pensamento e ação na vida cotidiana.

Metodologicamente, os estudos sobre a Investigação Narrativa (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 1998) mostram o quanto os movimentos de narrar, contar e relatar (por meio de imagens, escritas, falas) acionam no sujeito que narra uma capacidade de situar-se, de rever-se diante dos fatos e acontecimentos selecionados em suas narrativas. Tal capacidade opera como uma espécie de tomada de consciência, possibilitando uma nova relação do sujeito narrador com os acontecimentos em questão.

A potência de olhar para os processos formativos, amparada na perspectiva dos Estudos Narrativos, reside no desejo de buscar elementos para a criação de uma docência em Artes que seja produzida pelas experiências de vida dos próprios estudantes. A Pesquisa Narrativa possibilita outros formatos para experimentarmos a formação docente em Artes Visuais, entendendo que conhecer e aprender o mundo e a profissão está relacionado à vida e aos processos de explorá-la, assim como problematiza Bourriaud (2009).

Não obstante, considero que a perspectiva da narrativa ajuda a mirar os processos de formação e de autoformação ao perceber que nossas posturas adotadas na docência derivam, em grande medida, dos referenciais que vamos escolhendo, dos acontecimentos cotidianos e dos nossos encontros, sejam eles com a arte, a leitura, as imagens ou com outras narrativas que se entrecruzam às nossas. Tem sido crescente o número de pesquisas realizadas a partir dos escopos da Investigação Narrativa, segundo a qual se compreende que

Investigaciones realizadas desde perspectivas narrativas y etnográficas [...] evidencian la imposibilidad de reducir el aprendizaje y el pensamiento del profesorado al estrecho

marco institucional. Porque lo personal, profesional, cultural y social están profundamente interconectados y el docente, como el resto de las personas, aprende en interacción con lo que le rodea a lo largo y lo ancho de la vida. (BOSCO; CANO; PUIGCERCÓS, 2019, p. 69).

A investigação de cunho autonarrativo, ao se debruçar sobre nossas práticas cotidianas, nos mostra que estas, mesmo quando vistas como fragmentos pessoais, são irrevogavelmente partes de um contexto mais amplo e social. Em virtude disso, percebemos o quanto os aspectos autobiográficos são agenciadores e produtores de cultura, conformando ideias e escolhas no tocante aos modos de ser e, neste caso, de ser também na docência.

A formação do professor de Artes Visuais como uma experiência-ensaio

Larrosa (2004), em um texto intitulado "A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida", problematiza a ideia do ensaio como um modo de pensar a vida; pensá-la a partir do lugar da provisoriedade, um lugar no qual há sempre um deslocamento: deslocamento de perspectiva ante um determinado tema sobre o qual o ensaísta se debruça e reflete e que, com o passar do tempo, terá se modificado tanto quanto o próprio sujeito que escreve; deslocamento em sua capacidade de afetar e ser afetado, já que somos seduzidos e atravessados por diferentes estímulos; e, dentre tantos outros, deslocamento de postura frente àquilo que vemos, uma vez que, por ser uma forma de pensamento experimental, permite-se romper com o que está dado ou tomado como verdade.

Para tanto, o ensaio poderia ser visto como um modo de relatar a experiência, um modo experimental da vida, "que não renuncia a uma constante reflexão de si mesma, a uma permanente metamorfose" (LARROSA, 2004, p. 32). Essa condição ensaística encontra ressonância em um processo de formação docente em Artes Visuais que se coloca em estado de questionamento e revisão daquilo que tem como preceitos. Uma capacidade de duvidar de si, de abrir-se ao novo e de ser permeável.

Mesmo com tamanha abertura, não se recusa a necessidade de algumas âncoras: uma busca por reiterarmos, frente à sociedade, nossa importância enquanto área de conhecimento, que contribui para a formação de sujeitos pensantes e sensíveis, servindo como caminho para aprendermos diferentes formas de ver e acessar o mundo e como potência para explorarmos outras lógicas de pensamento, expressão e sensação.

Contudo, mesmo quando amparados por nossas bússolas ou ancorados em certos portos, sabemos-nos provisórios: temos a possibilidade de nos deslocarmos e

viajar, sair, voltar, explorar novas territorialidades. Esse movimento de deslocamento é dialogal à operação do ensaio, que, conforme Larrosa (2004), seria uma atitude existencial, e, por assim dizer, é dialogal a uma ideia de docência nômade, que transforma e se transforma à medida que sai de si, que se lança à experiência de (se) conhecer e se deixar refazer.

O ensaio, por fim, passa a ser entendido, em meio aos processos formativos, como um importante procedimento narrativo, no qual o sujeito organiza o pensamento e movimenta suas ideias a partir de um modo que é, por si só, fluido, movente e que, assim, garante aprendizagens de diferentes ordens.

Transitar entre arte, docência e pesquisa

Quando concluí minha pesquisa doutoral, com a tese intitulada *Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais* (NUNES, 2015), imersa nas relações em torno das visualidades e dos deslocamentos territoriais, interessava-me compreender como se davam os processos de desterritorialização nos sujeitos que se colocam em deslocamento territorial: o que se desloca em nós quando nos deslocamos?

Para além do que foi desenvolvido nesta investigação, me reporto à tese para dizer o quanto as ressonâncias de nossas teses, de nossos interesses e temas de pesquisa acabam por configurar nossos modos de atuar profissionalmente e de estabelecer nossos meios e procedimentos, fazendo com que nossas pesquisas se espriem. Talvez o mais curioso seja o fato de que, por vezes, levamos algum tempo para nos darmos conta disso.

Atuando em disciplinas tão distintas entre si, em termos de conteúdos e enfoques, e lidando com algumas adversidades, dentre elas tentar encontrar “o meu lugar” como docente e investigadora, me perturbava o fato de transitar por áreas diferentes, bem como a própria falta de entendimento dos estudantes sobre as áreas que eu ocupava: “a professora de Poéticas”, “a professora de ensino de Arte”.

Por vezes, o perpassar por essas disciplinas me levava à ideia de habitar uma espécie de não lugar, talvez pela própria estrutura como, cada vez mais, se definem os espaços acadêmicos: separados em departamentos, especialidades e linhas de ensino e pesquisa, confirmando, assim, uma necessidade de filiação ou pertencimento a algo fixo.

Aos poucos, fui percebendo o quanto meus interesses investigativos, minhas perspectivas sobre Artes Visuais e Educação e a formação nessas áreas estavam

diretamente atravessados por essa condição de “professora da linha de poéticas e de ensino”. O desconforto desse não lugar passou a ser visto como uma possibilidade ímpar de não filiação e de uma certa liberdade. Passei a perceber nesse agenciamento um modo de individuação e, desde então, vi o quanto as noções de nomadismo e desterritorialização (tão caras a mim durante o mestrado e o doutorado) efetivamente operam nos modos como atuo profissionalmente e, inevitavelmente, reverberam na vida.

Desse movimento de assumir-se em trânsito, passei a enxergar uma potência nômade, capaz de promover alguns deslocamentos, tanto nos modos de produzir minhas aulas, de criá-las a partir de diferentes referenciais, como também de jogar com a lógica daquilo que chamam de “disciplina teórica” e de “disciplina prática”, propondo outros caminhos para aprendermos.

Como forma de elucidar as ideias tecidas até aqui, trago algumas considerações que partem de uma situação que aconteceu durante um semestre letivo¹, no qual ministrei três diferentes disciplinas: Prática de Ensino II, Estágio Curricular Supervisionado II e Introdução à Linguagem Gráfica. Tais disciplinas, embora vinculadas a duas áreas distintas (Ensino e Poéticas Visuais), estiveram em pleno diálogo: os conteúdos e enfoques, justamente pela diferença, possibilitaram um deslocamento nos modos de pensar a formação docente, do ponto de vista de sua experimentação poética e pedagógica. Mas isso tudo, embora aos poucos já fosse intuído, só seria efetivamente compreendido e assimilado por mim ao longo das ações realizadas naquele semestre letivo do curso.

Comumente surpreendida pelos alunos (tanto os calouros quanto os que já estão no final do curso) a respeito do permanente estado de dúvida sobre a escolha profissional, vi na abordagem de Investigação Narrativa uma possibilidade interessante de tentarmos percorrer os entres daquilo que, outrora, tivesse servido como fator de afetivação.

Através desse escopo teórico e de suas premissas (tratadas nas seções iniciais deste texto), pareceu-me possível extrair matérias sobre aquilo que havia de importante para os estudantes em meio a seus processos de tornarem-se artistas e/ou professores. Cada um foi convidado a olhar para si, redescobrando suas referências, gostos, influências e configurando modos muito próprios de viver essa etapa formativa.

¹ Semestre letivo de 2017, enquanto atuava como professora colaboradora no Departamento de Artes Visuais, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da UDESC.

Nesse processo de lançar convites, entendi que trazer à tona parte daquilo que também me impulsiona na docência em Artes Visuais poderia servir como potência aos meus alunos, operando de modo evocativo com suas próprias narrativas. Assim, busquei realizar comigo mesma o mesmo exercício lançado a eles: refletir sobre aquilo que estava, de alguma maneira, me atravessando, arrebatando de modo a me fazer olhar de modo diferente para “as coisas de sempre”; refletir e olhar para aquilo tudo que me leva à docência em Artes Visuais e que me ajuda a experienciá-la.

Foi então que juntei algumas peças: Literatura + Cinema + Artes Visuais + viagens + uma série de encontros e combinações a partir disso tudo. Lancei, em diferentes ocasiões, estes referenciais aos meus estudantes: fragmentos literários de Orhan Pamuk (*A maleta de meu pai* e *Istambul*), Beckett (*Últimos trabalhos de Samuel Beckett*) e Amós Oz (*O mesmo mar*); o documentário *As Praias de Agnès* (2008), de Agnès Varda; os filmes *Tudo sobre minha mãe* (1999), de Pedro Almodóvar, *Medianeras* (2011), de Gustavo Taretto, e *A Grande Beleza* (2013), de Paolo Sorrentino; as produções artísticas *Zapatos Magnéticos*² (1994), de Francis Alÿs, e *O Hotel*³ (1981), de Sophie Calle; e a instalação *Bang*⁴ de Ai Weiwei, elaborada em 2013; etc.

Antes de prosseguir com o que foi proposto nas aulas, gostaria de me ater particularmente às travessias que venho realizando com Agnès Varda, Orhan Pamuk e Amós Oz. A partir do contato com a obra desses escritores e da cineasta, novamente fui arrebatada pela questão dos territórios geográficos, dos meus trânsitos por entre cidades e instituições distintas. Passei a construir uma noção de que somos conformados por uma geografia afetiva, na qual não importa necessariamente o tempo que estivemos ou vivemos em um lugar, mas sim todo o conjunto de forças, sensações e afetos que emanam de nossa relação com ele e daquilo que os lugares vão produzindo em nós.

Recorro às palavras de Pamuk (2007, p. 44) ao dizer que, “quando encontramos alguém num romance que nos faz lembrar de nós mesmos, nosso primeiro desejo é que aquele personagem nos explique quem somos”. A meu ver, reside aí, nesse trecho, a grande potência do trabalho com experiências e com relatos de vida.

² A obra pode ser visualizada em: <https://francisalys.com/zapatos-magneticos/>

³ A obra pode ser visualizada em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/calle-the-hotel-room-47-p78300>

⁴ A obra pode ser visualizada em: <https://www.youtube.com/watch?v=NwWBk6QpNsg>

Com suas narrativas tão singulares, a Literatura e o Cinema, sobretudo nas obras citadas aqui anteriormente, têm produzido em mim estes clarões: onde me vejo, onde situo meus interesses, onde invisto meus desejos e de onde tiro energia e alegria para pensar naquilo que faço como pesquisadora, como professora, como ser que vive em um mundo complexo.

No caso do que foi trabalhado junto aos alunos, certas vezes uma mesma referência foi lançada ao grupo todo; noutras, foram lançados diferentes disparadores, de forma aleatória, para que cada um pudesse estabelecer uma conversação particular, produzindo outros sentidos e apropriações.

No decorrer do semestre, os estudantes foram incorporando a essa trama suas próprias referências e posicionando-se de modo dissonante quanto a algumas das referências lançadas por mim, inclusive no tocante aos referenciais teóricos. Em muitos momentos, os mesmos estudantes que se manifestaram desejantes de novas formas de “ter uma aula” – isto é, cansados dos modelos expositivos ou das dinâmicas de seminários – foram também, em grande medida, os mesmos que demonstraram desconforto e desconfiança frente às novas proposições e abordagens incorporadas por mim, algo que tem a ver com o próprio fluxo de desterritorialização, com o momento em que somos forçados a pensar diferentemente daquilo que pensávamos para que algo novo nos aconteça. Por isso o mal-estar, e por isso também a opção por provocar um pensamento sobre a formação docente a partir de um movimento cartográfico, tomando os diferentes lugares de fala de cada estudante como caminhos para forjar uma docência em Artes Visuais.

Especificamente na disciplina de Prática de Ensino II, propus a elaboração de uma cartografia como trabalho a ser realizado no decurso do semestre, paralelamente a outras ações. Ao final do tempo destinado à realização da proposição, cada cartografia serviu como uma possibilidade de elaborarmos outras narrativas para a formação de professores/artistas, narrativas estas entendidas não como algo isolado e individual, mas partilhado, dialogal e capaz de produzir ressonâncias entre os colegas, demais professores, pessoas de nossos convívios. Foi trazido aquilo que nos parece particular, mas que, quando colocado em perspectiva, encontra ecos e produz ruídos.

Os estudantes perguntavam: “Como se faz uma cartografia?”; “Vai ter um modelo a ser seguido?”. Para não cairmos em um esvaziamento de sentido nessa proposta, dediquei-me a demarcar alguns aspectos, sobretudo no que diz respeito ao entendimento de que a cartografia, mais do que se pretender algo pronto ou fechado em si (ou em um formato definido), busca problematizar aquilo que acontece

no próprio andarilhar. Quais foram os achados do processo empreendido? Como nos relacionamos com os fatos que nos chegam (acontecimentos, imagens, pessoas)? O que nos arrebatou?

A cartografia serve-nos para conhecer um processo, criá-lo e observá-lo com um mínimo de distanciamento para perceber certos detalhes. Cartografar é inscrever, em determinado tempo-espço, uma experiência, ou seja, aproxima-se de uma construção narrativa. Foram muitos os formatos experimentados pelos estudantes: diários gráficos, mapas, objetos tridimensionais, uma receita de ambrosia para ser compartilhada e degustada entre a turma, alguns vídeos, uma performance. O corpo, presente como território de aprendizagens, acaba sendo uma premissa do exercício cartográfico: “corpo que nos remete ao corpo do pesquisador e ao corpo dos encontros estabelecidos” (COSTA, 2014, p. 67).

As noções de territorialidade relacional (BOURRIAUD, 2009, 2011), agenciamento (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e nomadismo (DELEUZE; GUATTARI, 1995; BRAIDOTTI, 2002) funcionam não só como horizontes teóricos/conceituais, mas também como possibilidades de praticar e construir um espaço de formação que seja permeável, isto é, que permita a aprendizagem de conteúdos específicos do campo das Artes em pleno diálogo com aquilo que é aprendido e vivido em outros âmbitos, incluindo-se aí desde as questões de ordem privada até aquilo que os estudantes vivenciam nas diferentes disciplinas curriculares.

Ao final de um semestre, muitas foram as tentativas de fazermos diferentemente. Um tanto delas, devo confessar, malsucedidas, incômodas, desajeitadas, mas que não podem ser ignoradas, uma vez que se tornaram parte do próprio modo de fazer/conhecer/aprender arte, sobre a docência em Artes e, sobretudo, sobre cada um de nós em relação a tudo isso. Operamos em conformidade com Beckett (1996)⁵, quando escreve: “Tudo desde sempre. Nunca outra coisa. Nunca ter tentado. Nunca ter falhado. Não importa. Tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar melhor.”. A docência, me parece, cada vez mais trata disso: falhar uma, outra e outra vez; falhar melhor a cada tentativa.

De uma aposta em uma docência nômade

Assumir um processo formativo que se configure como espaço para nomadismos tem me permitido problematizar os territórios da formação docente e do ensino de Artes Visuais a partir da aposta em um diálogo com aquilo que advém

⁵ Não paginado.

desses campos de conhecimento (da Arte e da Educação) articulado àquilo que se encontra a partir dos deslocamentos por outros territórios e das derivas nos terrenos que não têm conexão direta com os saberes disciplinares ou mesmo com nossa área de atuação.

Pensando o discente como indivíduo que carrega e produz suas narrativas, articula-se a esse modo de conceber a formação de professores de Artes Visuais uma potência nômade (BRAIDOTTI, 2002), ou seja, uma capacidade de abrir-se à experimentação de diferentes territorialidades, de lançar seu olhar e posicionar-se diante de questões que lhes sejam caras e que afetem diretamente seus modos de ver o mundo e a profissão.

Atualmente, já em outra instituição e vivenciando outras experiências em novas disciplinas, venho realizando parte desse processo narrado em um projeto de pesquisa que, ao ser desenvolvido junto com os estudantes do curso de Licenciatura, pretende seguir levando em conta o que diz Hernández (2007, p. 15) a respeito da necessidade de criarmos novas narrativas para a ensino das Artes Visuais:

Todas as concepções e práticas pedagógicas podem e devem ser questionadas. [...] não há nada que 'deva ser assim que não possa ser de outra maneira'. Ao contrário, tudo tem um sentido do qual se pode depreender a origem e a finalidade. A partir daí é que surge a necessidade de colocar em questionamento as práticas de naturalização que hoje circulam e se mantêm como dogmas na educação [...] o que já existe pode ser revisado e substituído quando mudam as necessidades e os propósitos da educação.

Ante a possibilidade de propor uma nova narrativa para o ensino das Artes Visuais, nesta pesquisa empreendida, faz-se pertinente conhecer quais são as territorialidades dos estudantes/futuros docentes, bem como poder experimentar a partilha de seus percursos por meio das narrativas que vão se construindo a partir desses trânsitos.

Temos esse docente nômade, que se desloca por territorialidades que podem ser desde um espaço vivido até

o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

A escolha de pensar e experimentar a docência como nomadismo nos impele o compromisso de "aprender a habitar melhor o mundo, em vez de tentar construí-lo a partir de uma ideia preconcebida" (BOURRIAUD, 2009, p. 18), e, nesse caso,

redesenhamos nossas próprias convicções sobre aquilo que se *deve* aprender e sobre como *deve ser* o professor de Artes Visuais habitando essa territorialidade.

Longe de chegar a uma conclusão ou alcançar mais um modelo idealizado da docência em Arte, as experimentações às quais tenho me lançado e que estendo como propostas aos meus estudantes me mostram um caminho menos abismal, menos catastrófico ante as atuais conjunturas sociais e políticas, nas quais a educação pública e as artes (em suas diferentes esferas) se encontram. Propor que busquemos, naquilo que nos constitui, os lampejos necessários para criar uma docência e uma poética em Artes Visuais tem nos trazido o vigor do riso, o vigor de quem deseja aprender no coletivo e se descobre outro nesse processo. Também nos permite, tal como incita Larrosa (2004), desrealizar o presente para, assim, reinventá-lo, trazendo um respiro que possibilite vislumbrar alguma zona de luz em nome de uma aposta nessa formação atravessada por nomadismos de diferentes ordens e que, por isso mesmo, é afim à vida e aos sentidos que damos aos nossos entornos formativos.

Referências

A GRANDE Beleza. Direção de Paolo Sorrentino. Roma: Indigo Film; Medusa Film; Babe Film; Pathé; France 2 Cinéma, 2013. DVD.

AS PRAIAS de Agnès. Direção de Agnès Varda. Paris: Ciné Tamaris; Arte France Cinéma; Canal+, 2008. DVD

BECKETT, S. **Últimos trabalhos de Samuel Beckett**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación**: guía para indagar en el campo. Granada: Force, 1998.

BOSCO, A.; CANO, C. A.; PUIGCERCÓS, R. M. Geografías e historias de aprendizaje de docentes de secundaria. Intersecciones, tránsitos y zonas de no saber. **Educatio Siglo XXI**, Murcia, v. 37, n. 2, p. 67-92, 2019.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Radicante**: por uma estética da globalização. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIDOTTI, R. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys – Estudos feministas**, Florianópolis, n. 1-2, p. 1-16, jul./dez. 2002.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995. p.11-59.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, RS, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago. 2014.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs 1**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual**: Transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LARROSA, J. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, p. 27-43, jan./jun. 2004.

MEDIANERAS. Direção de Gustavo Taretto. Buenos Aires: Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales (INCAA), 2011. DVD.

NUNES, A. **Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos**: narrativas sobre deslocamentos territoriais. 2015. 284 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais (FAV), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

OZ, Amós. **O mesmo mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PAMUK, O. **Istambul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A maleta do meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TUDO sobre minha mãe. Direção de Pedro Almodóvar. Madrid: El Deseo; Renn Productions, 1999. DVD.

ⁱ Professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Arte e Cultura Visual, pelo Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG), com estágio sanduíche na Facultad de Bellas Artes, da Universidad de Barcelona-Espanha. Mestre em Educação, pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFSM). Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela UFSM. ameline.nr@gmail.com

Como citar esse artigo:

NUNES, Aline. Docência Nômade – narrativas e deslocamentos na formação de professores em Artes Visuais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 1, p. 95-105, jan./abr. 2020.